

METALEXICOGRAFIA COMPARATIVA EM SEIS DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS DE SINAIS DE DIFERENTES ERAS: ANÁLISE PRELIMINAR

Antoniette Cantarelli Martins¹
Fernando Cesar Capovilla²

Resumo: O artigo compara as estratégias lexicográficas usadas em seis dicionários clássicos, três dos quais da Língua de Sinais Brasileira (Libras) e os outros três da Língua de Sinais Americana. Os seis dicionários ilustram as três eras de dicionarização das línguas de sinais: a era pré-stokoeana, com sua ênfase na representação analógica e gestual, mímica e pantomímica; a era stokoeana, com sua ênfase na descrição linguística das unidades arbitrárias e recombinativas; e a era pós-stokoeana, que concilia as duas modalidades de representação: a analógica e a linguística. Analisa o papel que a iconicidade dos sinais desempenha nos dicionários de sinais, e compara diferentes modos com que a iconicidade é tratada nesses seis dicionários clássicos de língua de sinais. Para aumentar a eficácia pragmática com que os dicionários representam sinais, analisa o papel desempenhado pelas ilustrações e descrições, tanto da forma do sinal quanto de seu significado; bem como da iconicidade, etimologia e morfologia do sinal.

Palavras-chave: Lexicografia. Libras. Iconicidade. Língua de Sinais. Sinal.

Abstract: The paper compares lexicographic strategies used in six classical sign language dictionaries, three of which pertaining to Brazilian Sign Language and the other three to American Sign Language. The six dictionaries illustrate the three eras of sign language lexicography: the pre-Stokoean era, the Stokoean era; and the post-Stokoean era. The pre-Stokoean era dictionaries employ analogical representation, resorting to mimmic, pantomime and gestures. The Stokoean era dictionaries employ linguistic representation strategy based on the description of discrete recombinative units pertaining to hand-shape, articulation place, movement and facial expression. The post-Stokoean era dictionaries employ both, analogical and linguistic representation strategies. The paper analyzes the role of sign iconicity in sign dictionaries. It compares different ways in which iconicity is dealt with in six classic sign language dictionaries. In order to increase the pragmatic efficacy with which dictionaries represent signs, it analyzes the role played by both illustration and description of both sign form and sign meaning, as well as by descriptions of sign iconicity, etymology and morphology.

Keywords: Lexicography. Libras. Iconicity. Sign Language. Sign.

Introdução

¹Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil. E-mail: an.cantarellim@gmail.com.

² Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: fcapovilla@gmail.com.

O artigo sobre Metalexigrafia Contrastiva de Língua de sinais compara e contrasta diferentes técnicas de confecção de entradas lexicais de seis dicionários buscando compreender os padrões básicos que as diferenciam e que as unem. Foram comparadas as mesmas 124 entradas lexicais de cada um de seis dicionários de sinais, sendo três da Língua de Sinais Brasileira e três da Língua de Sinais Americana. Os dicionários analisados foram: (1) *A Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (GAMA, 1875); (2) *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969); (3) *A Dictionary of American Sign Languages on Linguistic Principles* (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965); (4) *American Sign Language Dictionary* (STERNBERG, 1998); (5) *The Random House Webster's American Sign Language Dictionary* (COSTELLO, 1994; 2008); (6) *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos* (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, 2017a; 2017b; 2017c), e é referido, por comodidade, como *Dic-Brasil*.

Baseado no modelo de Capovilla, Mauricio e Raphael (2009, 2015), que propõe diferentes fases ou eras da dicionarização das línguas de sinais, o artigo compara preliminarmente uma amostra de 124 entradas lexicais de cada um de seis dicionários representativos de diferentes eras: dicionários iconográficos da era pré-Stokoeana (GAMA, 1875; OATES, 1969), dicionários linguísticos da era Stokoeana (e.g., Stokoe, 1965) e dicionários da era pós-Stokoeana (COSTELLO, 2008; STERNBERG, 1998; CAPOVILLA, RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, 2017a; 2017b; 2017c). Especial atenção é dada à iconicidade das línguas de sinais e à forma em que a iconicidade é referida em dicionários pertencentes a diferentes fases de dicionarização das línguas de sinais.

Capovilla, Mauricio e Raphael (2009; 2015) propuseram uma cronologia para a lexicografia das línguas de sinais, dividida em três períodos ou fases: a fase pré-Stokoeana, a fase Stokoeana, e a fase pós-Stokoeana. Dicionários pré-Stokoeanas compreendem aqueles feitos até meados do século XX, como os de Língua de Sinais Francesa, ou LSF (L'ÉPÉE, 1776; FERRAND, 1897; SICARD, 1808; BÉBIAN, 1825; VALADE, 1854; PÉLISSIER, 1856) e de Língua de Sinais Brasileira, ou Libras (GAMA, 1875). De caráter iconográfico, essas obras documentam os sinais e a motivação de sua forma por analogia à forma ou comportamento dos referentes, ou das pessoas em relação a eles. Essas obras destinam-se a satisfazer as necessidades representacionais visoespaciais e analógicas, típicas do processamento cerebral hemisférico direito (POIZNER; KLIMA; BELLUGI, 1987). A

abordagem iconográfica à dicionarização do léxico dessas línguas de sinais fica clara já desde os títulos, que incluem palavras como iconografia ou mimografia, no sentido de mímica e mimética. Constituem exemplos desses títulos os dicionários de Língua de Sinais Francesa intitulados: *Mimographie* (BÉBIAN, 1825) e *L'enseignement primaire des sourds-muets mis à la portée de tout le monde avec une iconographie des signes* (PÉLISSIER, 1856), e o de Língua de Sinais Brasileira (Libras) intitulado *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos* (GAMA, 1875). Esses dicionários figuram ao lado de dicionários como *L'institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodiques* (L'ÉPÉE, 1776); *Dictionnaire des sourds-muets* (FERRAND, 1897); *De la théorie des signes* (SICARD, 1808); e *Etudes sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes* (VALADE, 1854).

Conforme Capovilla, Mauricio e Raphael (2009, 2015), esses dicionários descrevem os sinais de modo analógico às propriedades visuais dos referentes representados, como se esses sinais fossem gestos, mímica ou pantomima, típicos do processamento hemisférico direito. Tais dicionários descrevem a forma do sinal, tal como motivada pelo seu significado, e comumente apelam à fórmula “como se”, numa clara alusão ao sinal como metáfora do gesto ou da pantomima naturais. Ainda segundo os autores, tal modelo de dicionarização leva em conta basicamente o processamento do córtex parieto-occipital do hemisfério direito, como se ele fosse suficiente para dar conta dos sinais, de seu significado e de sua forma. Apesar de ser eficaz para relacionar forma e significado, essa estratégia não dava conta de permitir o tratamento fonológico-sematosêmico mais fino dos sinais, que explica como as propriedades fonológico-sematosêmicas das línguas de sinais podem ser combinadas de maneiras complexas para codificar informação linguística em níveis mais complexos e abstratos. Tais dicionários descrevem os sinais de maneira representacional iconográfica, enfatizando a natureza gestual, mímica e pantomímica dos sinais, e chamando a atenção do leitor para o modo como os sinais evocam as características do objeto representado, de seu comportamento, ou do comportamento humano em relação a esse objeto.

Metalexigrafia Comparativa

As Figuras 1 e 2 mostram as entradas dos sinais LEITE e MESA nesses dois dicionários (GAMA, 1875, Estampa 3 e Estampa 5, respectivamente; OATES, 1969, p. 189 e p. 131,

respectivamente). Nos dois dicionários os sinais são descritos de modo representacional, gestual, icônico e pantomímico. Neles, o sinal LEITE é descrito por referência à ação de ordenhar. No dicionário de Gama (1875, Estampa 3), o autor confunde dois verbos tipicamente restritos à vaca: a ação de ordenhar com a de mugir. Nesse mesmo dicionário, o sinal MESA é descrito por referência às características físicas das mesas: o tampo plano e as quatro pernas.


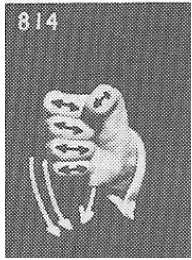
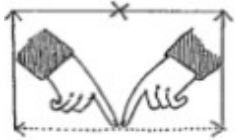
 <p>10. Leite</p>	<p>10.—Representa-se com o indicador esquerdo o peito da vacca e com a mão direita a acção de mugir.</p>
	<p>LEITE — (814) — Mão direita em “S” horizontal, palma para esquerda. Elevar e baixar a mão, abrindo e fechando os dedos ao mesmo tempo, imitando um fazendeiro orde-nhando uma vaca.</p>

Figura 1. Entrada do sinal LEITE em dois dos dicionários da era pré-Stokoeana da dicionarização das línguas de sinais. Acima, o sinal LEITE em *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (GAMA, 1875, Estampa 3). Abaixo, o sinal LEITE em *A linguagem das mãos* (OATES, 1969, p. 189), respectivamente.

 <p>3. Mesa</p>	<p>3.— Depois de traçar a figura da mesa diante de si, finja escrever ou comer, conforme a applicação que a mesa tiver.</p>
--	---

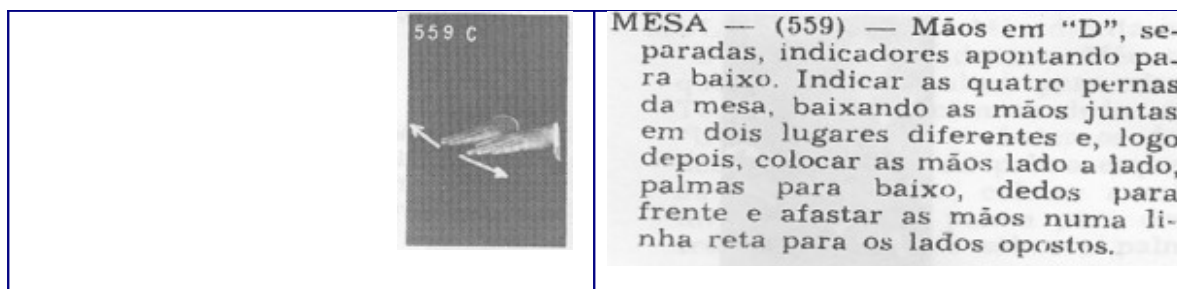


Figura 2. Entrada do sinal MESA em dois dos dicionários da era pré-Stokoeana da dicionarização das línguas de sinais. Fonte: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, (GAMA, 1875, Estampa 5); e *A linguagem das mãos* (OATES, 1969, p. 131), respectivamente.

Comparando as entradas lexicais dos sinais LEITE e MESA nesses dois dicionários representativos da era pré-Stokoeana (GAMA, 1875; OATES, 1969), pode-se constatar como a natureza distinta dos estilos de descrição de sinais revela as diferentes concepções de dicionarização explicadas por Capovilla, Mauricio e Raphael (2009, 2015). A descrição do sinal era feita para lembrar o leitor de comportamentos de manejo de objetos, ou de mímica e pantomima em relação a eles, ou da aparência ou comportamento dos objetos animados ou inanimados representados. Como ressaltam os autores, o sinal é descrito em termos do “como se”, de modo a fazer o leitor lembrar-se da aparência do objeto e de seu manuseio, ou de seu comportamento em relação ao objeto representado. De fato, na descrição do sinal LEITE por Gama (1875, Estampa 3) o indicador esquerdo representa o peito da vaca e a mão direita, o ordenhar. Do mesmo modo, Oates (1969, p. 189) descreve o sinal por referência ao comportamento do fazendeiro de ordenhar uma vaca, ou seja, o sinal é descrito como se representasse objetos e o comportamento em relação a eles.

Segundo Capovilla, Mauricio e Raphael (2009; 2015), os dicionários da era Stokoeana são de natureza fundamentalmente linguística, com notação abstrata e arbitrária. Eles descrevem a estrutura dos sinais em termos de combinações específicas de parâmetros como a forma da(s) mão(s), o local que a(s) mão(s) ocupa(m) no espaço da sinalização, o movimento que a(s) mão(s) descreve(m) nesse espaço, e a expressão facial eventualmente associada. O exemplo mais radical e prototípico dessa abordagem é o dicionário seminal de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965). Ele se atém à descrição das unidades mínimas dos sinais

nos parâmetros descritos de mão (forma, local, movimento) e face, e evita qualquer menção ao significado dos sinais como inspirador da forma. Esse dicionário se limita à descrição da estrutura fonológica ou sematossêmica dos sinais, sem chegar a atingir a estrutura morfológica dos sinais, ou seja, sem chegar a descrever as unidades mínimas de significado dos sinais (os morfemas).

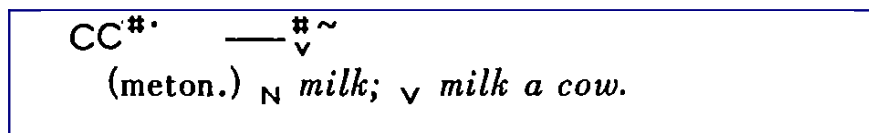


Figura 3. Entrada do sinal LEITE no dicionário da era Stokoeana da dicionarização das línguas de sinais. Fonte: *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*, (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1976).

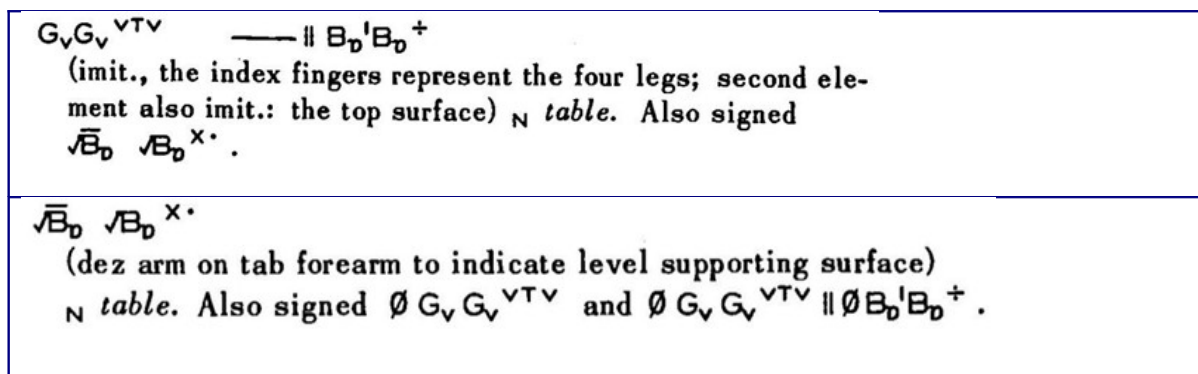


Figura 4. Entrada do sinal MESA no dicionário da era Stokoeana da dicionarização das línguas de sinais. Fonte: *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles* (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1976, p. 37 e 66).

Comparando as entradas lexicais dos sinais LEITE e MESA nesses dois conjuntos de dicionários (GAMA, 1875; OATES, 1969, representativos da era pré-Stokoeana; e STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1976 da era Stokoeana), pode-se constatar como a natureza distinta dos estilos de descrição de sinais revela as diferentes concepções de dicionarização. O dicionário seminal de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) descreve a estrutura dos sinais em termos de combinações específicas de parâmetros, como a forma da(s) mão(s), o local que a(s) mão(s) ocupa(m) no espaço da sinalização, o movimento que as(s) mão(s) descreve(m)

nesse espaço, e a expressão facial eventualmente associada. Para enfatizar a natureza arbitrária das unidades fonológicas que se combinam para compor um dado sinal e se recombinaem de modos distintos em outros sinais, o dicionário de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) faz uso de um sistema de notação preciso específico. Esse dicionário constitui o exemplo seminal mais radical e prototípico desta abordagem. Seu objetivo central é romper com o preconceito contra as línguas de sinais por parte de linguistas, que acreditavam que os sinais não passavam de representações gestuais, mímicas e pantomímicas do significado, e estabelecer firmemente a natureza linguística das línguas de sinais. Conforme Capovilla, Mauricio e Raphael (2009; 2015), para atingir esse objetivo de expurgar qualquer inspiração da forma pelo significado, e qualquer teor representacional gestual, mímico e pantomímico dos sinais, Stokoe empregou um sistema de notação de sinais com unidades mínimas arbitrárias e recombinaivas para descrever a estrutura fonológica ou sematosêmica dos sinais, cuidando para não atingir a estrutura morfológica dos sinais, ou mencionar as unidades mínimas de significado dos sinais. Isso fica claro na entrada lexical dos sinais LEITE e MESA nesse dicionário.

Segundo Capovilla, Mauricio e Raphael (2009; 2015), enquanto os dicionários da era pré-Stokoeana são de natureza iconográfica e os dicionários da era Stokoeana são de natureza linguística, os dicionários da era pós-Stokoeana são de natureza dupla: iconográfica e linguística. São de natureza iconográfica porque revelam como a forma do sinal é motivada pelo seu significado. São de natureza linguística porque revelam como a forma do sinal é composta de unidades mínimas recombinaivas. Seu avanço consiste no fato de que essas unidades mínimas que se recombinaem não estão limitadas apenas ao nível da fonologia (de fonemas ou sematosemas, cf. CAPOVILLA, 2011a; 2011b; 2012; 2015b; 2015c; CAPOVILLA; GARCIA, 2011; CAPOVILLA; OLIVEIRA, 2015), mas se estendem para atingir o nível da morfologia (i.e., de morfemas ou unidades mínimas de significado). Assim, esses dicionários combinam a descrição da estrutura fonológica ou sematosêmica dos sinais com a descrição da estrutura morfológica dos sinais, ou seja, das unidades mínimas de significado dos sinais: os morfemas. Por isso, tais sinais são, ao mesmo tempo, iconográficos e linguísticos. Apesar de revelar a estrutura sublexical dos sinais em termos da combinação específica de unidades recombinaivas, tais dicionários não ignoram a natureza representacional iconográfica, a natureza gestual, mímica e pantomímica dos sinais. E chamam a atenção do leitor para o modo como os sinais evocam as características do objeto

representado, de seu comportamento, ou do comportamento humano em relação a esse objeto. Isso faz com que os sinais documentados nesses dicionários possam ser apreciados em sua sistematicidade formal tanto quanto em sua familiaridade intuitiva.

As Figuras 5 e 6 mostram as entradas dos sinais LEITE e MESA em três dicionários representativos da era pós-Stokoeana: *American Sign Language Dictionary* (STERNBERG, 1998, p. 688 e p. 416, respectivamente), *Random House American Sign Language Dictionary* (COSTELLO, 2008, p. 302 e p. 501, respectivamente), e *Dic-Brasil* (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, 2017a; 2017b; 2017c; p. 1657 e p. 1835, respectivamente).

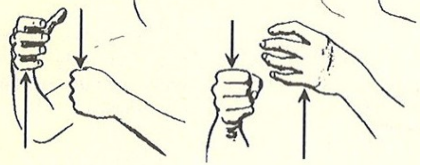


	<p>MILK (mĭlk), <i>n.</i>, <i>v.</i>, MILKED, MILKING. (The act of milking a cow.) Both hands, alternately grasping and releasing imaginary teats, move alternately up and down before the body.</p>
<p>milk <i>n.</i> 1. The white liquid secreted by female mammals to feed their young: <i>The mother cat had enough milk for her six kittens.</i> 2. This liquid, secreted by certain animals, especially cows and goats, used by humans as food: <i>Drink your milk.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ■ [Mime squeezing a cow's udder to get milk] Beginning with the right <i>C hand</i>, palm facing left, in front of the right side of the body, squeeze the fingers together with a double movement, forming an <i>S hand</i> each time. 	
<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="flex: 1;">  </div> <div style="flex: 2;">  </div> <div style="flex: 1;"> <p>LEITE (sinal usado em: AL, SE, SP, RJ, DF, PB, PE, PI, PR, SC, BA, MA, MG, CE, RN, RS) (Inglês: milk): <i>s. m.</i> Líquido branco, opaco, produzido pelas fêmeas dos mamíferos. É um alimento muito completo, que assegura a subsistência na primeira fase da vida graças à sua riqueza em gorduras, proteínas, lactose, vitaminas e sais minerais. Os leites da vaca e da cabra são os mais comercializados e consumidos. Ex.: Os maiores produtores de leite são os Estados Unidos, a França e a Argentina. (Mão em S horizontal, palma para trás. Movê-la para cima e para baixo, abrindo-a e fechando-a, ligeiramente.)</p> </div> </div>	

Figura 5. Entrada do sinal LEITE nos dicionários da era pós-Stokoeana da dicionarização das línguas de sinais. Fonte: *American Sign Language Dictionary* (STERNBERG, 1998, p. 416); *Random House American Sign Language Dictionary* (COSTELLO, 2008, p. 302); *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos* (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, 2017, p. 1657), respectivamente.

	<p>TABLE 1 (tā' bəl), <i>n.</i> (The shape and the legs.) The downturned open hands are held together before the chest, fingers pointing forward. From this position the hands separate and move in a straight line to either side, indicating the table top. Then the downturned index fingers are thrust downward simultaneously, moved in toward the body, and again thrust downward. These motions indicate the legs.</p>
<p>table¹ <i>n.</i> A piece of furniture with a flat, horizontal top on legs, a pedestal, or other support: <i>to eat at the table</i>. Same sign used for: desk.</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ [Represents the flat surface of a table top] Beginning with the bent arms of both <i>open hands</i> across the chest, right arm above the left arm, move the right arm down with a short double movement. 	
<p>table² <i>n.</i> (alternate sign) Same sign used for: desk.</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ [table¹ + shape of a table] Pat the forearm of the bent right arm with a double movement on the bent left arm held across the chest. Then, beginning with the fingers of both <i>open hands</i> together in front of the chest, palms facing down, move the hands apart to in front of each shoulder and then straight down, ending with the palms facing each other. 	
<p>mesa (1) (CL) (sinal usado em: SP, MS, CE, PB, MG, PR, RS) (inglês: table, board); <i>s. f. Móvel, usualmente de madeira, que oferece uma superfície lisa e horizontal, própria para preparar e servir refeições e para executar vários outros trabalhos manuais. Ex.: Coloque os talheres e os pratos sobre a mesa. (Mãos abertas, palmas para baixo, lado a lado, diante do peito. Afastar as mãos para os lados opostos, virá-las palma a palma e movê-las para baixo.)</i></p>	

Figura 6. Entrada do sinal MESA nos dicionários da era pós-Stokoeana da dicionarização das línguas de sinais. Fonte: *American Sign Language Dictionary* (STERNBERG, 1998, p. 688); *Random House American Sign Language Dictionary* (COSTELLO, 2008, p. 501); *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos* (CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, 2017, p. 1835), respectivamente.

Comparando as entradas lexicais do sinal MESA nos dicionários arrolados, observamos

que Gama (1875, Estampa 5) descreve o sinal por referência ao movimento de traçar a figura da mesa diante de si e para modelar o sinal fingir escrever ou comer, conforme a aplicação que a mesa tiver. Do mesmo modo, Oates (1969, p. 131) descreve o sinal por referência aos indicadores apontando para baixo indicando as quatro pernas da mesa, ou seja, o sinal é descrito como se representasse objetos e o comportamento em relação a ele.

Nota-se que a abordagem Stokoeana concebe o sinal como composto de unidades mínimas arbitrárias, que se recombina de acordo com regras linguísticas de morfologia e sintaxe. A análise do sinal se restringe à sua composição fonológica ou sematológica em termos de unidades mínimas destituídas de significado, e caracterizadas pelo cruzamento de parâmetros tais como: a articulação da mão, o local de sinalização em relação à face e ao tronco, o movimento, e componentes não manuais (expressão facial associada).

Conclusão

Pode-se afirmar que os novos dicionários implementam o novo paradigma. Isso pode ser afirmado porque eles rompem com a subserviência Stokoeana às objeções saussureanas ao sinal, que limitavam a descrição da forma ao nível fonológico-sematosêmico. Pode ser afirmado também porque eles ousam descrever a estrutura formal do sinal como um todo, de maneira compreensiva, tanto no nível sematosêmico quanto no nível morfêmico. Dessa forma, tem-se a conciliação da elevada precisão linguística da descrição sematosêmica, típica da fase Stokoeana (que engaja o hemisfério esquerdo), com o elevado apelo gestual do significado como inspirador da forma (que engaja o hemisfério direito). Assim, o dicionário de Capovilla, Raphael e Mauricio (2015), inaugura uma nova fase na lexicografia das línguas de sinais, com a valorização e o engajamento simultâneo dos dois hemisférios, além da especial atenção às funções executivas centrais do córtex pré-frontal e às funções visomotoras do cerebelo, como explicado por Capovilla, Mauricio e Raphael (2009, 2015).

Esse novo paradigma propõe que o trabalho lexicográfico em Língua de sinais passe a ser informado e beneficiado pelas Neurociências Cognitivas (e.g., CAPOVILLA, 2012; 2015a; 2015b; CAPOVILLA; OLIVEIRA, 2015; CAPOVILLA; RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, 2017a; 2017b; 2017c), em especial pelo conhecimento das características do processamento hemisférico esquerdo e direito, linguístico e paralinguístico, sematosêmico e

pragmático, para a escolha do modo como os dicionários são compostos e formatados. As neurociências cognitivas permitem compreender como se estrutura e desenvolve o léxico em todas as suas vertentes, o que possibilita reestruturar a lexicografia das línguas de sinais, ou seja, a Metalexigrafia das línguas de sinais.

Referências

BEBIAN, R. A. A. *Mimographie, ou essai d'écriture mimique propre à régulariser le langage des sords-muets*. Paris, 1825.

CAPOVILLA, F. C. A compreensão da estrutura e do processamento da linguagem oral, escrita e de sinais como pano de fundo para compreender as dificuldades e os transtornos de aprendizagem. In: CAPOVILLA F. C. (Org.). *Transtornos de aprendizagem – 2: da análise laboratorial e da reabilitação clínica para as políticas públicas de prevenção pela via da educação*. São Paulo: Memnon, 2011. p. 8-33.

_____. Paradigma neuropsicolinguístico: Refundação conceitual e metodológica na alfabetização de ouvintes, deficientes auditivos, cegos, surdos e surdocegos. In: CAPOVILLA, F. C. (Org.). *Transtornos de aprendizagem: Progressos em avaliação e intervenção preventiva e remediativa*. 2a. ed. São Paulo: Memnon, 2011. p. 42-131.

_____. Paradigma neuropsicolinguístico para refundação conceitual e metodológica da linguagem falada, escrita e de sinais para alfabetização de ouvintes, deficientes auditivos, surdos e surdocegos. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C (Orgs.). *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. 2ª ed., Vol. 1. São Paulo: Edusp, 2012. p. 73-165.

_____. Paradigma matricial de linguagem oral, escrita e de sinais: taxonomia e sistema de variáveis para tratamento conceitual, experimental e estatístico. In: SANTOS, F. H; ANDRADE, V; BUENO, O. (Orgs.). *Neuropsicologia hoje*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2015. p. 91-97.

_____. Paradigma neuropsicolinguístico para refundação conceitual e metodológica da linguagem falada, escrita e de sinais para alfabetização de ouvintes, deficientes auditivos, surdos e surdocegos. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. (Orgs.). *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. 3ª ed., Vol. 1. Sinais de A a H. São Paulo: Edusp, 2015. p. 73-156.

CAPOVILLA, F. C.; GARCIA, W. Visemas, quiremas, e bípodes implumes: Por uma revisão taxonômica da linguagem do surdo que substitua visemas por OptoLalEmas, e quiremas por simatosemas para forma de mão (quiriformemas), local de mão (quiritoposema), movimento de mão (quiricinesema), e expressão facial (mascarema). In: CAPOVILLA, F. C. (Org.).

Transtornos de aprendizagem – 2: da análise laboratorial e da reabilitação clínica para as políticas públicas de prevenção pela via da educação. São Paulo: Memnon, 2011. p. 82-91.

CAPOVILLA, F. C.; MAURICIO, A. C.; RAPHAEL, W. D. Metaneuropsicolinguística Cognitiva da representação mental: Desenvolvimento do raciocínio neuropsicolinguístico para compreender as figuras de linguagem numa língua figurativa - O caso da análise da estrutura Morfêmica molecular e molar de Libras. In: MONTIEL, J. M.; CAPOVILLA, F. C. (Orgs.). Atualização em transtornos de aprendizagem. São Paulo: Artes Médicas, 2009. p. 407-474.

CAPOVILLA, FC; RAPHAEL, W. D; MAURICIO, A. C. Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas – por um novo paradigma na dicionarização das línguas de sinais. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D; MAURICIO, A. C. (Orgs.). Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. 3ª ed., Vol. 1. Sinais de A a H. São Paulo: Edusp, 2015a. p. 21-44.

_____. Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas – por um novo paradigma na dicionarização das línguas de sinais. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D; MAURICIO, A. C. (Orgs.). Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. 3ª ed. Volume 1: Sinais de A a H . São Paulo: Edusp, 2015b. p. 21-44.

CAPOVILLA, F. C.; OLIVEIRA, W. G. Análise da estrutura Sematosêmica-SignumIcular do corpus de 10.338 sinais da 3ª ed. do Novo Deit Libras via BuscaSigno, versão 2. In: CAPOVILLA, FC; RAPHAEL, W. D; MAURICIO, A. C. (Orgs.). Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. 3ª ed. Volume 2: Sinais de I a Z. São Paulo: Edusp, 2015. p. 2684-2701.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos. Volume 1: Sinais de A a D. São Paulo: Edusp, 2017a, p. 1037.

_____. Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos. Volume 2: Sinais de E a O. São Paulo: Edusp. 2017b. p. 1100.

_____. Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos. Volume 3: Sinais de P a Z. São Paulo: Edusp. 2017c. p. 862.

COSTELLO, E. Random House American Sign Language Dictionary. New York, NY: Random House, 1994.

COSTELLO, E. Random House Webster's Compact American Sign Language Dictionary, Compact Edition. New York: Random House, 2008.

FERRAND, J. Dictionnaire des sourds-muets. Paris: J. B. Baillière, 1897.

GAMA, F. J. Iconographia dos signaes dos surdos-mudos. Rio de Janeiro: Tipographia Universal, 1875.

L'ÉPÉE, C. M. A. L'institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodiques. Paris, 1776.

OATES, E. Linguagem das mãos. Rio de Janeiro: Editora Livro, 1969.

PELISSIER, P. L'enseignement primaire des sourds-muets mis à la portée de tout le monde avec une iconographie des signes. Paris, 1856.

Poizner, H.; Klima, E. S.; Bellugi, U. What the hands reveal about the brain. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

SICARD, R. A. De la théorie des signes. Paris, 1808.

STERNBERG, M. L. A. American Sign Language. Dictionary (revised ed.). New York: HarperCollins, 1998.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. G. A dictionary of American Sign Language on linguistic principles. Silver Spring: Linstok Press, 1965.

VALADE, Y. L. R. Etudes sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes. Paris, 1854.

Artigo recebido em: 28/03/2018.

Artigo aceito em: 02/08/2018.

Artigo publicado em: 02/08/2018.